

II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho
Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004



GT História da Mídia Sonora
Coordenação: Prof. Ana Baum (UFF)

Conspirações sonoras: a Rádio Globo e a crise do governo Vargas (1953-1954)

Lia Calabre*

Resumo:

O rádio é um veículo de comunicação que se destaca por sua capacidade de informar com rapidez. Essa agilidade permitiu ao rádio participar ativamente da crise política que atingiu o país na primeira metade da década de 1950 e que teve como desfecho o suicídio do Presidente Getúlio Vargas. A Rádio Globo do Rio de Janeiro foi um dos veículos utilizados por aqueles que faziam oposição a Vargas - como, por exemplo, o jornalista Carlos Lacerda. Este artigo pretende resgatar a participação da Rádio Globo no processo de crescente crise política que se aprofundou em 1953 e que culminou com o suicídio do Presidente Getúlio Vargas.

Palavras chave: Rádio Globo; Getúlio Vargas; Carlos Lacerda.

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Conspirações sonoras: a Rádio Globo e a crise do governo Vargas (1953-1954)

Lia Calabre[†]

O rádio é um veículo de comunicação que se destaca por sua capacidade de informar com rapidez. Essa agilidade permitiu ao rádio participar ativamente da crise política que atingiu o país na primeira metade da década de 1950 e que teve como desfecho o suicídio do Presidente Getúlio Vargas. Era um tempo em que, politicamente, a sociedade se dividia entre getulistas e anti-getulistas. A Rádio Globo do Rio de Janeiro foi um dos veículos utilizados por aqueles que faziam oposição a Vargas. A partir de 1953 a emissora permitiu que Carlos Lacerda utilizasse, quase que diariamente, seus microfones para atacar o governo. Este artigo pretende resgatar a participação da Rádio Globo no processo de crescente crise política que se aprofundou em 1953 e que culminou com o suicídio do Presidente Getúlio Vargas.

As emissoras de rádio, desde os anos 1940, possuíam capacidade de alcançar todo o território nacional, já nesse período o rádio havia se transformado em um veículo extremamente popular. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a produção de aparelhos receptores foi retomada. Surgiam modelos populares, mais acessíveis para as camadas mais baixas da população.

Nas décadas de 1940 e 1950, o cenário radiofônico carioca era dominado pela Nacional que obtinha, praticamente em todos os horários, o primeiro lugar na audiência, ocupando os segundo e terceiro lugares estavam as rádios Tupi e Tamoio, emissoras do grupo dos Diários Associados. Já no final dos anos 1940 a Rádio Globo ocupava, em média, o quarto lugar na audiência geral carioca, disputando a posição com a Rádio Jornal do Brasil. A Rádio Globo manteve uma programação similar as demais emissoras cariocas até o final dos anos 1940, irradiando programas de humor, de música, de jornalismo, de variedades e ainda as tradicionais radionovelas. Esse formato de programação obrigava a emissora a manter um grande número de artistas contratados, fazendo com que os lucros

fossem quase que inexistentes. Já no final da década de 1940, a Rádio Globo começava a se destacar como uma emissora mais voltada para o jornalismo, buscando ter uma marca mais particular.

A mudança definitiva do perfil da programação da Rádio Globo ocorreu em 1953. Foi sob a direção de Luiz Brunini, um admirador do broadcasting norte-americano, que toda a programação da Rádio Globo foi reorganizada. O novo modelo baseava-se em música, esporte e notícia. Luiz Brunini pretendia dar mais agilidade a programação da emissora e ao mesmo tempo diminuir os custos de produção dos programas, atraindo novos ouvintes para uma programação mais especializada.

Fazendo uma retrospectiva no campo da reportagem política, verifica-se que no cenário carioca a Rádio Globo foi uma das emissoras que teve sempre um papel destacado. A emissora criada em 1944, por Roberto Marinho, se manteve todo o tempo na posição de crítica ao grupo político de Getúlio Vargas. Desde a sua criação, a Rádio Globo apoiou os candidatos de UDN, partido de oposição a Vargas. Em 1945, enquanto o jornal *O Globo* dava ampla cobertura à campanha presidencial de Eduardo Gomes a Rádio Globo seguia transmitindo-lhe os comícios.¹ Mantendo sua tradição de opositora ao governo, a emissora realizou ampla cobertura da renúncia do Presidente Getúlio Vargas em 1945.²

Com o fim do Estado Novo e o abrandamento da censura surgiram diversos programas políticos em praticamente todas as emissoras cariocas. Com a aproximação da nova disputa presidencial, a Rádio Globo lançou, em 1949, o programa *Tribuna Política* que tanto informava e comentava os assuntos tratados na Câmara e no Senado quanto transmitia notícias sobre o processo da sucessão presidencial. A emissora mantinha a tradição de dedicar uma atenção especial aos políticos da UDN. Com a vitória de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais a Rádio Globo continuou em sua posição de crítica ao governo que, a princípio, era feita de forma moderada.

Em 1946, a Rádio Globo havia lançado o *Conversa em Família*, considerado um precursor dos programas de debates radiofônicos. Simulando um diálogo informal, sobre temas importantes e entre membros de uma mesma família, o programa conseguia obter altos índices de audiência. Inicialmente a apresentação era de Urbano Lóes com a

[†] Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa.

participação de Sagramor Scuvero, Raul Brunini³ e Sérgio de Oliveira. *Conversa em família* era apresentado diariamente às 22h e foi se transformando em um programa de entrevistas.

Raul Brunini,⁴ relembra que foi exatamente no *Conversa em família*, em 1952, que Carlos Lacerda falou pela primeira vez na Rádio Globo. Carlos Lacerda era dono do jornal *Tribuna da Imprensa* e fazia a campanha “Ajude o teu irmão”, para recolher donativos para os flagelados da seca. O jornalista foi ao programa falar sobre os problemas da seca no nordeste. A participação de Lacerda obteve grande sucesso e ele passou a ser convidado com mais frequência para apresentar-se na Rádio.

A Rádio Globo e a crise do governo Vargas

Carlos Lacerda era conhecido por seu poder de oratória, sua fama atraía uma grande audiência para a Rádio Globo. Tendo em vista o fato de tanto Roberto Marinho quanto Raul Brunini e Luiz Brunini serem udenistas, a participação do diretor de *Tribuna da Imprensa* nos programas da Rádio Globo era, para todos, uma forma interessante de alimentar a oposição ao governo Vargas e de aumentar a audiência da emissora. As apresentações de Lacerda eram sempre feitas em tom exaltado, como se ele estivesse discursando para uma multidão em um comício.

Em 1953, Carlos Lacerda ganha mais espaço na Rádio Globo com a abertura do inquérito parlamentar contra Samuel Wainer sobre o caso *Última Hora*. Segundo o próprio Lacerda,⁵ o crescimento do jornal de Wainer incomodava tanto a Roberto Marinho quanto a Chateaubriand, isso lhe permitiu uma participação maior nos programas da Rádio Globo e da TV Tupi. Apesar do importante papel da televisão, era no rádio que a campanha contra Wainer podia ocorrer de forma mais intensa, pois o tempo de transmissão dos programas no rádio era mais flexível. O jornal *Última Hora* havia sido criado em 1951, ligado politicamente ao governo Vargas. Em pouco mais de um ano já vendia mais que *O Globo*, expandindo-se para São Paulo. Em abril de 1953, o jornal de Wainer lançou o tablóide *Flan*, que logo atingiu a marca dos 150 mil exemplares, tornando-se rival, em termos de tiragem, da revista *O Cruzeiro*, do grupo de empresas de Chateaubriand.⁶

Em 1953, vários órgãos de imprensa iniciaram uma forte campanha contra o *Última Hora*. Carlos Lacerda, através da *Tribuna da Imprensa*, acusa Samuel Wainer de favoritismo político, concorrência desleal, falsidade ideológica, *dumping*, etc. Buscando provar sua inocência, Wainer solicitou a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Os trabalhos da comissão passaram a receber cobertura jornalística da Rádio Globo que gravava as seções e depois as irradiava, seguidas dos comentários de Carlos Lacerda.

Com o acirramento da crise do *Última Hora*, as participações de Carlos Lacerda na programação da Rádio Globo foram sendo ampliadas. Em 19 de julho de 1953, depois de negar-se a fornecer algumas informações a Comissão Parlamentar de Inquérito, Wainer foi punido com um mandato de prisão por quinze dias, dos quais cumpriu dez e foi libertado através de um *habeas-corpus*. Todas as vezes que ocorria qualquer novo episódio no processo, Carlos Lacerda era chamado à Rádio Globo para prestar declarações. No programa irradiado logo após a libertação de Wainer, Lacerda declarava:

...agora todos estão vendo que Samuel Wainer ainda tem forças, que a Última Hora ainda tem protetores poderosos. (...) Nós estamos diante de uma organização completa para a infâmia, para o boato, para tripudiar sobre a honra do adversário, para espalhar boatos, para inquietar a população, para nos dividir uns aos outros, para nos intrigar, para nos lançar uns contra os outros, é preciso considerar que ninguém levanta 280 mil contos no Banco do Brasil sem cumplicidade muito forte, sem proteção muito alta e tudo isso continua a funcionar, porque nada disso foi desmontado ainda.⁷

Carlos Lacerda costumava sempre ressaltar em suas palestras as ligações de Wainer com Getúlio Vargas e com as pessoas ligadas ao presidente. No mesmo programa Lacerda continuava seus ataques:

Nós só conseguimos até agora assustar um pouco essa gente, mas Wainer tem motivos para pregar sustos muitos maiores. Imaginem por exemplo se o Wainer amanhã dissesse que parte do dinheiro que Matarazzo lhe deu veio em nome de Lutero Vargas, imagine se ele resolvesse dizer que essa parte

que veio em nome de Lutero Vargas não foi para ele Wainer mas sim para o próprio Lutero Vargas (...) imagine se amanhã ele resolvesse dizer de quem são as fotografias que ele mandou fazer em certa madrugada num fim de festa em casa do Sr. Ernani do Amaral Peixoto, imagine se ele dissesse que tem essas fotografias e que pode a qualquer momento publicá-las. Nós estamos diante de um chantagista, de um escroque, que é capaz realmente de publicar essas fotografias, porque já provou que é capaz de coisa muito pior. Ora nessas condições qual é o chantagista, qual o escroque que não dispõe de proteção muito alta, muito poderosa, para tentar tirá-lo da cadeia, para tentar salvar-lhe a pele, para tentar manter para ele um jornal através do qual o sr. Jango Goulart continua sua conspiração contra as instituições livres no Brasil já agora mancomunado com um senador latifundiário de Goiás.⁸

A repercussão da irradiação dos comentários de Carlos Lacerda na Rádio Globo era grande. O jornalista não poupava a figura do presidente Vargas e dos membros do governo. As afirmações sempre eram feitas em tom acusatório. Em setembro de 1953,⁹ baseando-se nas leis 8.356 de 12/12/1945 e 8.543 de 03/01/1946 o chefe de polícia ameaçou alguns jornais e emissoras de rádio, em especial a Rádio Globo, com diversos tipos de punição (inclusive a cassação da concessão) por estarem veiculando *calúnia ou injúria contra a pessoa do Presidente da República ou dos Ministros de Estado*. O jornalista Roberto Marinho respondeu as acusações do governo através do jornal *O Globo* alertando para o fato de que:

...a polícia e o próprio governo deveriam meditar na repercussão que teria neste momento qualquer medida coercitiva que fosse tomada contra uma estação de rádio, sobretudo contra aquela onde está se debatendo um grande escândalo público, objeto de uma comissão parlamentar de inquérito.¹⁰

Enquanto defendia publicamente a Rádio Globo, dentro da emissora, Roberto Marinho chamava a atenção de Raul Brunini e Luiz Brunini para o fato de que as

transmissões estavam desagradando muito ao governo. Segundo Raul Brunini,¹¹ eles tentaram fazer ver a Roberto Marinho que a rádio havia crescido muito em audiência com as transmissões de Lacerda e que não seria correto tirar o programa do ar exatamente naquele momento, no qual o desenrolar do processo prometia novos escândalos. Roberto Marinho contra-argumentou afirmando que os programas estavam se tornando exclusivamente de crítica ao governo e que isso não era correto, principalmente do ponto de vista empresarial. Para resolver o impasse Luiz Brunini sugeriu que fosse oferecido ao governo o mesmo tempo de palestra na rádio que era utilizado por Carlos Lacerda, assim o governo teria como se defender em iguais condições. Raul Brunini afirma que a proposição dessa fórmula:

Foi a nossa sorte, o governo se entusiasmou e a princípio mandou alguns representantes. Aí depois não mais. Ou não se interessou ou não teve que quisesse se contrapor ao Lacerda e ele ficou praticamente sozinho.¹²

As polêmicas criadas com os pronunciamentos de Carlos Lacerda na rádio resultaram em crescimento de audiência. Aproveitando todo esse contexto favorável para a apresentação de discussões políticas, Raul Brunini, em 1954, criou o programa *Parlamento em Ação*. Era um programa diário, noturno, para o qual eram gravadas ao longo do dia as discussões do plenário da Câmara de Deputados, depois de editados, alguns trechos se tornavam objeto dos comentários políticos de Carlos Lacerda.

No início de agosto de 1954 a crise política se agravou com o atentado contra Carlos Lacerda, que acabou resultando na morte do major Rubens Vaz, o episódio ficou conhecido como “o atentado da Toneleros”. A partir daí os ataques de Carlos Lacerda ao governo se intensificaram. Frente à gravíssima crise política Getúlio Vargas é pressionado a se afastar do governo. Na noite de 23 agosto ocorrem várias reuniões no Palácio do Catete buscando formas jurídicas para o afastamento de Vargas do poder. Na madrugada de 24 de agosto, antes mesmo de qualquer pronunciamento oficial da Secretaria da Presidência da República, a reportagem da Rádio Globo já se antecipava aos acontecimentos. A emissora transmitia reportagens de diversos pontos da cidade e havia enviado uma equipe para a casa de Café Filho, então vice-presidente. Entre os diversos políticos que se encontram com Café Filho estava Carlos Lacerda, que ao ser entrevistado declarou que desejava:

Ressaltar o extraordinário papel que a Rádio Globo, a serviço da imprensa falada, da verdade e da justiça, desempenhou nesta revolução branca que hoje tem a sua noite de glória. Vim visitar não o presidente Café Filho, vim abraçar o homem público (....) graças a covardia e ao atraso com que o sr. Getúlio Vargas se rendeu aos fatos por ele próprio criados (...)É preciso destruir os destroços ainda ameaçadores da oligarquia Vargas, esses destroços, meus amigos, são como restos que ficam depois da bomba atômica. Eles ainda têm irradiação e podem contaminar e esterilizar a nação. É indispensável que a renúncia de Getúlio Vargas seja renúncia mesmo e que ele não vá para Itu sonhar com novas revivescências do poderio da sua gente. Porque o seu lugar se não for no Galeão é no estrangeiro, pois o Galeão é o lugar para os restos de sua podridão. O Brasil que hoje se redime, o Brasil que hoje ressurgiu, é o Brasil de sempre, tal qual nós os sonhamos e tal qual sonharam e o construíram os nossos antepassados.

As edições extraordinárias de *O Globo no ar*, programa jornalístico/informativo da emissora, se sucediam com informações inicialmente de renúncia do Presidente:

Uma informação da Rádio Globo, PRE-3 do Rio de Janeiro: E confirmamos! Sua Excelência, o senhor Getúlio Vargas, acaba de renunciar à Presidência da República. Deverá assumir a chefia da nação o senhor João Café Filho. Fala a Rádio Globo.¹³

Um pouco mais pela manhã o programa já transmitia informações mais precisas:

Atenção, senhores ouvintes, informa O Globo no Ar em edição extraordinária. Gentileza da firma Carlos Pereira Indústria Química S.A. Atenção! Podemos reproduzir com absoluta fidelidade, baseados em informação absolutamente idônea, o que ocorreu no Catete na dramática madrugada de hoje. Com a presença de todo o ministério e mais os senhores Marechal Mascarenhas de Moraes, General Caiado de Castro, teve lugar uma reunião sob a presidência do senhor Getúlio Vargas, que se iniciou a 1h30 e terminou às 3h30. Todos os presentes falaram comentando os

acontecimentos. Finalmente, o presidente declarou que desejava em todo esse episódio ressaltar a sua dignidade pessoal e sua tradição de homem público. Nessas condições, só aceitaria uma dessas duas soluções: ou a licença por 90 dias solicitada ao Congresso na forma da Constituição, ou a deposição. Dentro de mais alguns instantes, a Secretaria da Presidência da República fornecerá uma nota oficial sobre a reunião.

A Secretaria da Presidência da República, às 4h 45 do dia 24 de agosto divulgava nota oficial do pedido de licenciamento de Getúlio Vargas, que deveria ainda ser submetida à apreciação do Congresso Nacional. Logo no início da manhã, por volta das 9h o país era surpreendido pela notícia do suicídio do Presidente Getúlio Vargas. A reação popular não tardou a se fazer sentir. Segundo Luiz Mendes, locutor da Rádio Globo, a fúria dos populares visava em especial a Rádio Globo, *o povo formava grupos, bandos, multidões pelas ruas e ia quebrando tudo que pudesse parecer ter contribuído para o gesto de Vargas.*¹⁴

Pelas ruas, o povo ia destruindo tudo o que simbolizasse a oposição ao Presidente Getúlio Vargas, cartazes, outdoors, tanto de empresas como de políticos. Os carros do jornal *O Globo* e da Rádio Globo eram atacados, alguns foram incendiados. Dentro da emissora a situação ficou delicada. Luiz Mendes era um dos radialistas que se encontrava no prédio no momento do ataque popular:

Dentro da Rádio Globo, vendo a fúria popular o pânico se instalou. Foi então que eu tive tranquilidade para tomar as primeiras providências defensivas, ordenando a subida dos elevadores para o último andar e mandando fechar as trancas de ferro das portas de grade da entrada do edifício. Quando o povo enfurecido chegou a frente do Edifício Sul-Rio-Grandense, sentindo a impossibilidade de entrar (a polícia já estava colocada junto à porta de entrada), passou a atirar pedras contra o imenso vitral que enfeitava a fachada do prédio.

Luiz Brunini recorda que o povo pedia “sua cabeça e principalmente a de Carlos Lacerda”, que era visto como o principal responsável do desfecho trágico da crise. Como

consequência a Rádio Globo ficou algumas horas fora do ar e o jornal *O Globo* (que era vespertino na época) foi impedido de circular. O povo queimava bancas e carros de distribuição do periódico. A ira popular contra Carlos Lacerda e contra a Rádio Globo era esperada, pois poucas horas antes do suicídio, Lacerda atacava ferozmente Getúlio Vargas em declarações feitas a equipe de reportagem da emissora.

Passados alguns dias do ocorrido, em 29 de agosto, Carlos Lacerda voltou aos microfones da Rádio Globo para fornecer suas impressões sobre os acontecimentos.

Esses dias, soltaram-se nas ruas matulas de desordeiros, guiados, conduzidos, comandados por elementos comunistas e por seus associados, os pelegos, para destruir a imprensa e o rádio independentes. A porta da Tribuna da Imprensa acumularam-se eles conduzidos por elementos comunistas notórios. Aqui na rádio Globo, enquanto por telefone eu me entendia com Brunini, tentando providências para um policiamento que não vinha, que tardou, para um policiamento que se viesse a tempo tudo teria evitado, naquelas horas de descontrole geral e perda total da autoridade, as pedras cantavam nos vidros da frontaria (sic.) desse prédio, enquanto aqui dentro resistiam bravamente os profissionais de rádio que aqui trabalham.¹⁵

Segundo Raul Brunini, os opositores do Presidente foram surpreendidos pela reação popular. Dias antes do suicídio, quando realizavam seus comícios para a candidatura de vereador e deputado, ele e Carlos Lacerda, aconselhavam calma as multidões que desejavam ir ao Catete protestar contra o envolvimento de membros do governo no “atentado da Toneleiros”. Com o suicídio de Vargas a multidão se voltou contra eles e contra todos os opositores do governo. No dia seguinte do suicídio, o único jornal a circular na cidade do Rio de Janeiro foi o *Ultima Hora*.

A capacidade do rádio de atingir os ouvintes somada ao poder de oratória de Carlos Lacerda foi um importante fator de interferência na crise do governo Vargas. É claro que Lacerda e os opositores de Vargas utilizavam-se dos outros meios de comunicação e, em especial, da imprensa escrita, para desfechar seus ataques contra o governo. Entretanto, se pode medir o poder de penetração, o grau de envolvimento da Rádio Globo no processo da

crise, através da reação popular contra a emissora e contra o jornal *O Globo*. Apesar do jornal ter tido uma atuação bastante neutra durante toda a crise ele acabou também sendo alvo da fúria popular. Passados os primeiros momentos da crise, Carlos Lacerda voltou a freqüentar diariamente os microfones da Rádio Globo em sua incansável campanha contra a herança getulista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de (org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- CALABRE, Lia. *A Era do Rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- DICIONÁRIO Histórico e Biográfico Brasileiro pós-1930. Coord. Alzira Alves de Abreu [et al.] Rio de Janeiro: Ed. FGV/CPDOC, 2001.
- GOMES, Angela de Castro(org.) *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, 3ª. ed..
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999

¹ Jornal *O Globo*. 16/05/1945.

² Jornal *O Globo*. 30/10/1945.

³ Raul Brunini era irmão de Luiz Brunini, ambos estavam na Rádio Globo desde a sua fundação e eram simpatizantes da UDN. Em 1954, a convite de Carlos Lacerda, Raul Brunini se candidatou a vereador pela UDN e foi eleito.

⁴ Raul Brunini, Depoimento. Projeto: *Elites Políticas do Rio de Janeiro*. 27/06/1994. Centro de Documentação Contemporânea – FGV. O depoimento está disponível em áudio, a transcrição foi realizada por mim.

⁵ LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, 3ª. ed.. p. 148-149.

⁶ “Última Hora”. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. CPDOC-FGV. Capturado em 20/02/2004 . www.cpdoc.fgv.br

⁷ Carlos Lacerda, Programa Rádio Globo. Fitas 126 e 127. Collector’s Editora Ltda. Todos os programas editados pela Collector’s estão disponíveis em áudio, as transcrições foram realizadas por mim.

⁸ Idem.

⁹ Jornal *O Globo*. 23 e 25/09/1953.

¹⁰ Jornal *O Globo*. 23/09/1953.

¹¹ Raul Brunini. Depoimento. Projeto Elites Políticas do Rio de Janeiro. 27/06/1994. Centro de Documentação Contemporânea - FGV

¹² Idem

¹³ O Globo no ar. Fita 107. Collector’s Editora Ltda

¹⁴ Mendes, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 48.

¹⁵ Carlos Lacerda. Fita 107 e 108. Collector’s Editora Ltda